Pela Grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1935

OS INTEGRALISTAS NOS CAMPOS DE BATALHA

Capitão Anibal Gonçalves de Azevedo, promovido por distinção e condecorado com a medalha de 2.ª classe da Cruz de Guerra pela fórma como auxiliou eficazmente o seu comandante na preparação dum «raid», fornecendo informações completas com respeito ao inimigo, sendo o primeiro a entrar nas trincheiras do mesmo inimigo, impulsionando, pela sua acção, todo o assalto, avançando sem hesitar até á 2.ª linha e fazendo frente aos que pretenderam contra-atacar e repelindo-os --- no que revelou grandes qualidades de comando, inteligencia e bravura.

«Art. 3.º — Que seja louvado o alferes de infantaria 22, Luís de Portugal da Fonseca e Melo, pelo cuidado que mostrou pelo serviço ao tomar conta do sector que pela primeira vez ia ocupar e sobretudo porque sendo gravemente ferido por ocasião de um grande bombardeamento de morteiros feito pelo inimigo, bem como a sua ordenança, cuidou immediatamente dos socorros a prestar a esta, desprezando os seus, praticando assim um acto de abnegação.»

«Louvo o alferes miliciano do 2.º grupo de bateria de artilharias, José Augusto Brandão Pereira de Melo, pela coragem e sangue frio que mostrou no dia 1 do corrente, não hesitando em se dirigir á 4.ª secção da sua bateria quando esta, e os caminhos que para lá conduziam, estavam a ser bombardeados, a fim de fazer continuar o seu fogo, que tinha parado devido a baixas nas guarnições e avarias no material; pela dedicação pelo serviço e valor que mostrou, não abandonando o seu posto até final do combate, apesar de ferido e fortemente atacado pelos gazes.»

Industrias da guerra

OS MINERIOS

Pelos jornaes folha dias noticiado que o Governo ia reservar-se o direito de ficar sendo o unico comprador e exportador de todos os mineriós que interessem ás industrias da guerra ou possam servir de base para estabelecer permutas ou conseguir compensações economicas de que tanto precisa o Paiz. E' uma medida de largo alcance economico e já ha muito teria sido tomada se por infelicidade nossa os negocios superiores do Paiz não tivessem estado entregues desde o principio da guerra a verdadeiras inepcias pois os nossos estadistas nada ao menos tiveram o bom senso de imitar nisso as outras nações quando de tão importante inconveniente e prejudicial teem importado.

E assim se viu sairem barra fóra ou através da raia sem limites de toneladas de minerios representando milhares de contos como saiam, e saem, sem entrarem a tempo e horas outros e compensadores milhares de toneladas de trigos, batatas de sementeira, ferros, aços, cimentos, enxofre, fosfatos, etc., etc., e o tão almejado carvão.

Chega-se a ter a impressão de que nas altas esferas do Poder havia o firme proposito de minar o Paiz para o mais tragico dos seus economicos.

Quer o actual Governo enveredar por outro caminho não menos fatal e util para os nossos aliados mas de muito mais proveito para todo o Paiz e em especial para as classes operarias pelo que respeita á alimentação publica?

Assim parece com as varias disposições annunciadas; e por isso não lhe regatearemos louvores. E' tempo de seguir esse caminho!

Simplesmente, não nos parecem dessa o principio que o anunciado monopolio fosse boa fórma de o conseguir. E com gosto registamos as disposições que temos observado ultimamente nas altas esferas. Em logar de monopolio, o Estado, fixando preços, permitirá a exportação de minerios uma vez que a salvaguarda das compensações economicas esteja prováda do seu estado de equilibrio ou se facilite francamente para o nosso lado.

E oxalá que a ideia do monopolio não mais volte a pairar lá no alto. Seria um desastre! Se fosse o Estado o monopolisador, estamos convencidos de que em breve se reduziria muito a exploração mineira; foi tão grande o panico que invadiu as concessionarias de minas de Wolfram mal apareceu tal noticia que muitas minas reduziram imediatamente a sua exploração. E' que ninguem tem confiança no Estado-Comerciante que pagaria aos preços que lhe apetecesse com as demoras bem conhecidas e com o que cuizesse, como por exemplo, com os malfadados bilhetes de Tesouro e que o Comercio só aceita... com desconto.

Alem disso seria dificilimo estabelecer-se entre nós com os conhecidos processos burocraticos o organismo que superintendesse em tal assunto, em condições de bem dirigir essas negociações. Não é porque o Estado não possua funcionarios muito distintos para o fazer. Temos na Repartição de Minas, por exemplo. Mas desses não pode dispor porque são em numero e para as necessidades do momento, uma perfeira miseria!

Repetimos nos porque se tivessemos modificado a fórma de levar por diante, como urge, os propositos do governo, não poderemos deixar de solicitar do ministro do Trabalho algumas considerações sobre tão importante assunto.

Em primeiro logar, dando-se na liberdade de exportação para os paizes aliados que com o nosso estabelecem permutas é absolutamente necessario que o Estado se garanta contra tentativas de venda, que seriam parasitismos. Assim, cada um desses paizes se comprometia a não reexportar para os outros os nossos produtos, a não ser mediante uma licença especial e com motivos justificados.

Em segundo logar, fixar-se como já está a cotação de Wolfram — que nunca ofereceu reparos — é preciso que se siga em certo espaço as cotações dos cereaes, e restantes mineiros.

Devemos que merece reparos a cotação porque não podemos concordar com o principio que a progressão dos preços de minerios inferiores, com menos de 65 unidades seja concorde a progressão dos preços de minerios superiores como dos de 65 e 66 unidades em que a progressão é 2. Tambem merecem reparos que a escala tenha para baixo 28 unidades emquanto para cima tem apenas 7 unidades, sendo 5 unidades, entre 65.

Bem carecia olhar a este principio para prevenir possiveis más vontades de certos exportadores convinha muito que se acelerassem as autorisações de contractos que se celebrem d'aqui para o futuro. E não poderemos deixar de censurar toda a demora nisto, por ser altamente prejudicial. Os negociosismo são compativeis com a costumada e bem conhecida dilação que caracterisa a nossa burocracia. Estabeleçam-se rapidamente as normas de contractos e que não se perca tempo na sua aprovação.

Em 4.º logar, é necessario que o governo com aquela mesma celeridade anunciando periodicamente geral a quantidade ou qual o valor dos artigos que nesse momento autorisa a exportar para a nação A ou B. Só assim se poderão habilitar os exportadores a fazer compras sem cair em capitais de um periodo razoavel, ou então autorisar os exportadores que assim o requererem a exportar determinadas quantidades ou determinado prazo, de maneira que todos possam viver, isto é, sem acambarcamentos.

Seria interessante explicar um pouco os accordos comerciais a estabelecer de maneira a valorisarmos alguns dos nossos productos coloniaes, como o cacau, e ainda alguns productos continentais como os vinhos e até as cortiças, á sombra d'esse decreto, facilitando-nos o seu transporte.

Isso porém sai dos limites que nos impozemos ao escrever este artigo. Entretanto, aproveitaremos a ocasião de ainda lembrar aos srs. ministros do trabalho e da guerra a urgente necessidade de desmobilisar os empregados da repartição de minas. Isso é inadiavel. Tudo nos aconselha a aproveitar este momento para desenvolver a exploração mineira. Temos innumeras minas de wolfram que é preciso valorisar já, já. Pois, muitas não são concessionadas *... por falta de pessoal technico na repartição das minas* estando alguns processos parados ha anos! De duas uma: ou valorisamos já os recursos que possuimos, ou então entreguemo-nos de pés atadas ás terriveis consequencias financeiras da nossa entrada na guerra... sem recursos para lhe fazermos face.

Se temos um pouco de juizo reformemos os nossos serviços de minas, não só os officiais mas até as proprias explorações. Arrancar minas e outros elementos de maior productividade, como são os nossos, não é manifestar sinão a vontade de os desenvolver!

E não se argumente que isso seria arranjar mais uma embrocada! Muito mais interessados nesta guerra do que nós estão os francezes por exemplo e todos conhecem que a França destacou officiais e até soldados para virem *dedicar-se entre nós* ao desenvolvimento da fabrico de munições *assumindo até a direcção de officinas nossas*, é compra de mineiros como na missão franceza e até a compra de travessas de madeira para caminhos de ferro! A um engenheiro francez que entre nós possue minas de wolfram desmobilisou-o a Fr nça para se dedicar-se a isso com a condição de lhe vender o seu wolfram! E nós o que fazemos?!

E ainda barramos todos os dias porque não passamos de explorados pelos outros povos. Certamente o somos, e somo-lo unicamente pela nossa cabeça.

Póde neste momento começar o nosso resurgimento industrial e portanto economico, pela valorisação rapida das nossas riquezas naturais como os mineriós.

Devemos tentá-lo desde já pela absoluta necessidade que temos de virmos um dia a pagar as despezas com a guerra. Contemos com isso, e não ser que prefiramos sufocar sob o peso de tremendas contribuições ou vender alguma das colonias...

Criem-se já, portanto, essas prometedoras fontes de riqueza. E para isso, que o Estado comece por reorganisar a vida industrial para em seguida impulsioná-la com medidas de largo fomento.

E ha tanto, tanto que fazer!

Engenheiro Z.

NOVIDADE LITERARIA

"Ana Maria,,

Peça em um acto

por

HIPOLITO RAPOSO

A' venda em todas as livrarias

Preço- 300 réis

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Tem os alemães o centro dos seus exercitos na região de Amiens. A ala direita estende-se até ao Mar do Norte, de Arras a Bethune, a Armentières, a Ypres. A' esquerda está a cavalleiro do Oise até ás alturas de Coucy e Saint-Gobain, a sul do rio.

Como se sabe o movimento foi iniciado pelo centro na celebre ofensiva de 21 de março e alcançou os resultados que se sabem: aquela faxa em triangulo, que vem de Arras direita a Albert e a Harnel e depois corta por Morcuil, Mesnil, Montdidier e Noyon na direcção de leste, a bater nos exercitos de Argonne e de Verdun. Isto é: aproximadamente 140 k.m. de comprimento por 60 de largura. Excentado este ataque de *perfuração*, pelo centro, tem cabido depois ás duas alas successivamente a vez de actuarem, no evidente intuito, que já temos acentuado de tactear o adversario, de lhe imobilisar as reservas e de o ter dionours en haleines.

Primeiro, a *ala esquerda*, em 6 de dezembro, sabado, com continuação no domingo e segunda seguintes. Manobra na frente Chauny Coucy no sul do Oise que teve por consequencia a conquista duma zona de 25 kilometros de comprimento por 12 de largo, sendo os francezes repellidos, com perda de 2.000 prisioneiros para a linha do Aisne, affluente do Oise.

Depois, no norte em 9, a *ala direita*, como vimos, de Ypres á la Bassée. Roto o centro inglez, quasi envolvida a nossa sempre gloriosa divisão do C. E. P. em Laventie, os alemães penetraram nas linhas aliadas numa zona triangular de 45 kilometros de base por 16 de altura: fazendo 20.000 prisioneiros e conquistando 200 canhões.

Esta ala direita continua, como se vê das ultimas noticias progredindo em direcção ao mar, por Saint-Omer, Cassel e Dunkerque ou Calais. Armentières rendeu-se. Messines é occupada, como conquistada é Laventie. A curva reintrante para sen lado na altura de Armentières tornaram-na elles em saliente que vae alastrando por Neuve-Eglise—Bailleul, Merville, Saint-Eloy, na direcção de Ypres, que segundo todas as probabilidades, muito em breve terá de ser evacuada. Hazebruck, na estrada de Armentières a Saint-Omer, tambem deve ser directamente visada, porque é na realidade, o verdadeiro nó de communicações da região litoral.

De Hazebruck efectivamente irradiam as estradas que vão a Bergues e Dunkerque (30 quilometros), a Saint-Omer, Lumbres e Boulogne (60 quilometros) a Calais e Gravelines (50 quilometros).

E' possivel, todavia, que este arranco da *ala direita* se detenha a certa altura, porque ha quem pretenda terem os inglezes construido uma linha ou linhas diversas de fortificações permanentes desde Béthune ao mar, para lhe pôrem com efficacia a sua base de operações e desembarque.

E' o que se verá em breve.

Para nós, mais uma vez o repetimos, a *chave do problema* está na zona do Somme.

As martelladas a norte e a sul são afinal simples martelladas. E' como o afinador de pianos que ora bate numa tecla ora na outra mais afastada, para ver onde soa a echo-harmonia. Apenas uma differença: o afinador concerta e Hindenburgo, se vê uma boca tinha que passa de afinar de vez... o respeitavel publico está quedo...

Ora para a execução desta ideia preconcebida, não ha duvida de que os alemães estão em esplendidas condições, pois teem a vantagem de poder acudir com toda a rapidez a qualquer ponto da linha de batalha.

Tomam pela corda da curva, que descreve a linha de batalha, ao passo que as reservas inimigas teem sempre de tomar a todo um diluvio de fogo pelo meio, pela propria curva.

Não nos temos cansado, cremos nós, de render a Hoch o preito devido aos seus altos meritos de general e ás suas grandes virtudes de patriota. E' um verdadeiro chefe de guerra. Mas a perplexidade do generalissimo deve ser grande, não poucas vezes. Se desloca as suas reservas para o norte para parar qualquer ataque na zona da Flandres, immediatamente se vê atacado em Amiens e Soissons com forças superiores e qualquer destes ataques pode ser o principal, se as circumstancias a isso se prestarem.

E ha quem pretenda que ainda na região de Verdun está concentrado um poderoso exercito austriaco (commandado por Mackensen?) destinado a intervir oportunamente.

Veremos no que tudo dá...

Mas que a situação é grave, gravissima, lá isso é, pois tudo dá a entender que a hora da victoria para um dos beligerantes chegou.

E correlativamente, como diria La Palisse, o da derrota para o outro.

Saturio Pires.

Contra a guerra

A COMPANHIA GARANTIA, effectua seguros de GUERRA bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Tota & C.ª, banqueiros R. Aurea, 88 a 75. Telef. n. 1589-C.

No bom combate

Continuemos na batalha. Hoje é dum moço alentejano, a quem a escarlatina republicana toldou um pouco no equilibrio da sua sensibilidade de portuguez, o depoimento curto, mas cheio de dignidade, que publicamos. Conhecemos o senhor Roberto Branquinho, e sabemos o grau de consciencia com que o seu espirito abraçou as nossas doutrinas. E' nos até grato verificar que fôram precisamente as nossas campanhas contra-revolucionarias o estimulo forte que o ajudou a libertar-se do preconceito sentimental das suas primeiras predilecções politicas. Pelo estudo e pela observação, o senhor Roberto Branquinho vê que a hierarquia e a disciplina são factos que a propria natureza impõe á sociedade como condição de vida. Bastava para o demonstrar os resultados bem á vista da experiencia russa. E' que a ordem não nasce espontanea, — como no-lo ensina o grande marquês de La Tour du Pin. Torna-se necessario prepará-la e garanti-la por meio de instituições que a gerem e estabilizem. Não outro é o problema que o nosso movimento procura solucionar em relação a Portugal.

Reconhece-o o senhor Roberto Branquinho. Affirma com isso a sua rara coragem mental. Singelamente vem a nós com palavras que na sua concisão guardam comsigo alguma coisa da antiga rijeza spartana.

Meu... Amigo:

Conhece V. a minha convicção monarquica. Profundamente convencido das doutrinas do Integralismo Lusitano, depositei nas mãos de V. a minha adesão incondicional.

De V.
com a maior consideração e estima,
Roberto Branquinho.

A adesão incondicional deste nosso novo camarada traduz-se em mais uma energia que voluntaria e resolutamente nos procura. Assim o nosso movimento caminha, devagar, mas com firmeza, por obra e graça duma aturada e constante propaganda.

E' a propaganda a principal obrigação dum integralista em corpo e alma. Em corpo e alma, a devemos, pois, servir, gritando a toda a hora, e sempre,

Propaganda!
Propaganda!
Propaganda!

Liga Naval Portugueza

A conferencia do nosso camarada sr. dr. Hipolito Raposo que se realisa no dia 22 ás 9 1/2 da noite sobre a provincia da Beira Baixa será subordinada quanto possivel ao seguinte esquema:

I—A terra: solo, clima, paisagem.

II—Etnografia: raça, habitação, vestuario, folclore (festas, costumes, lendas, danças, poesia popular, etc.)

III—Economia: rural, fabril, industrias diversas, industrias artisticas (ceramica, rendas, tapeçaria, etc.)

IV—Historia.

V—Esterica: monumentos de arquitectura (civil, militar, religiosa), escultura, quadros, etc.

A marcação dos logares faz se nas condições do costume.

Critica das letras

—II—

«Fastos portuguezes», pelo Visconde de Castilho

Exactamente por via das ideias que em materia d'arte aqui defendemos é que o livro ha pouco publicado pelo sr. Visconde de Castilho—*Fastos Portuguezes*—nos não agradou nem jamais nos poderia agradar. Está todo ele embuido, mercê das predilecções literarias do seu autor, daquele escrito humanista que falsamente se nomeou de Renascença e que apenas serviu para sufocar nos artistas a nativa sinceridade, levando-os pelo mais artificial dos processos de creação esthetica ao despreso absoluto da indole propria do povo a que pertenciam esses artistas, e fortunamente concorrendo para o desgraçado movimento da desnacionalisação. O livro do sr. Visconde de Castilho, embora nos custe imenso a dizer isto, de modo algum corresponde á nossa maneira de ser, toda ela cheia de expontaneidade e lirismo; além disso o titulo raras vezes está em harmonia com o conteudo e, pelo que respeita á linguagem, esta é no livro referido, tão deploravelmente afrancesada na construcção das suas frases que a gente, aparte um ou outro trecho aonde o autor se escutou a si proprio deixando em paz o Filinto, julga estar em frente de um daqueles formidaveis tomos de poesia arcadica, enlevo dos nossos avós socios de Academias literarias, e delicia ineffavel das respectivas caras-metades que só com olhar os ditos volumes se curavam de pertinazes insonias... Do sr. Visconde de Castilho conheciamos as duas esplendidas obras—as *Manuelinas* e a *Lisboa antiga*—livros esses que lhe dariam jus á nossa profunda estima e intensa veneração se o seu caracter impoluto, em todas as coisas patenteado nos não obrigassem de sempre a essas veneração e estima. Hade desculpar portanto que discordemos em absoluto da nova producção literaria; tome mesmo á conta de impertinencia de rapazes novos o nosso desacordo comigo: confesse porem que isto de fazer um poema com *exordio, exposição narração* e *invocação* cheira imenso a bafio, a rapé de latinista, a puro seculo XVIII, para o que mais concorre ainda o deparar-se a cada momento com transposições e inversões de sujeitos e verbos que tornam a sua poesia um laboriosso embrechado de velharias, inuteis e desconsoladoras, feito ha cento e tantos anos por um arcade... Que é que hoje lerá sem cahido estes versos, sr. Visconde:

Boas fadas (quatorze de janeiro
de cincoenta mais nove apoz setecentos)
comigo andaram Portugal, nas horas
em que andaz Commendas de mim rompia
contra a forte Cassida as linhas d'Elvas?

E estas expressões:

Na historia garrettiana
o fevereiro quatro leva ao Porto
recordações gratissimas

.....

Quando oito soes numera o mez reclamam
menção dois benemeritos.

Decimo oitavo seculo, correram annos trinta e mais quatro: eis que o vigesimo terceiro de dezembro á luz brotava o raro engenho da Pilinto.

E' o que se chama um poema casulho—com sua peruca baixota, de rolos armados sobre a orelha e pomposando as cós de carretilha colorida... Traz casaca bordada a oiro, de cujo bolso espreita o lenço tabaqueso: põe o chapeu entalado no sovaco, curva-se em *Gloria Patri* e estadeia grossos fivelões de prata nos sapatorros de polimento: veiu por certo do Botequim das Parras, da Academia do Conde de Paraleiro ou das outras que fidalgos de grossos têres e inutil erudição fundaram para gaudio e consolo do irreverente Bocage... E' a mumificação da poesia..., se o sr. visconde de Castilho promete não se zangar com este seu admirador respeitoso, sempre lhe direi que os *Fastos Portuguêses* não são portuguêses, nem poesia, nem fastos: são a negação do progresso e da alma portuguêsa, são uma imitação da Venus de Milo a que se poz um lenço d'Alcobaça e um chaile de tricana... A' musa que os inspirou prefiro aquelas de que nos fala Gomes Leal e que, em certas manhãs de verão, descem lá do Olimpo dos seus bairros pobres a apregoar laranja da China e rabanetes á faca...

Porque francamente, em pleno seculo XX, quando a ancia de nacionalisação é tão prominente e toda a critica literaria e com ela a experiencia toda, consideram como desideratum principal a attingir, a volta á tradição, á primitiva originalidade, pondo de parte imitações que só levaram á perigosissima universalisação, descaracterisando um povo na sua maneira de ser; num seculo em que se diz que os povos são tanto maiores quanto mais se escutam a si proprios e á sua raça; num seculo em que se considera como necessario tornar a lingua flexivel, animada, levissima, vibratil, de modo que ela seja, não uma estratificação latina realisada pelas academias, mas sim um veiculo canoro e vivo da alma dum povo, dando toda a sua alma, o seu lirismo, as suas tendencias, as suas aspirações, a ancia da vida e com esta as dôres, as alegrias, as genuidades, gritos, intimos movimentos das almas, canoros queixumes dos corações, misticos anceios dos homens e seu Creador, fotografia fiel e evocadora do existente e do passado nosso, —instrumentação se possivel fôra de todas as harmonias existentes; num seculo como este em que está feito já o processo condenatorio dos males da Renascença, vir a lume com um poema quasi arcadico e todo ele cheio de latinismos esterelisantes, o sr. Visconde hade concordar mas é forte! Nós defendemos a

João do Amaral

Acompanhado de sua Ex.ª esposa, encontra-se em Lisboa este nosso querido amigo e camarada de trabalho. Damos-lhe as boas vindas, com a esperança de o vermos de novo nos trabalhos diarios de *A Monarquia*.

Voltamos ao antigo?

A censura e a «Monarquia»

O nosso numero de a *Monarquia*, de ontem, foi apreendido, por causa de uns cortes que a censura entendeu dever fazer, meia hora depois de o nosso jornal ter sido censurado e andar circulando nas ruas, motivo por que só nos ultimos numeros podemos fazer os cortes que a censura pedia affitivamente pelo telefone. Parece que voltamos aos tempos antigos do sr. dr. Afonso Costa, ou que os recen-censores foram na maior parte, recrutados ao entre os da velha guarda progressista do chefe demagogico, tão sedia censura da hoje comparada com a de antes do 8 de Dezembro.

Esperamos que semelhante facto se não repita e que os censores façam os cortes de uma só vez com previdencia, maior atenção, e se possivel fóra com mais inteligencia.

E por hoje basta.

Lucinda Simões

Comemorando o 50.º aniversario da sua entrada para o teatro, realisa ámanhã, sabado, a sua festa artistica a grande actriz Lucinda Simões.

Esta actriz, senhora de uma cultura invulgar e de um talento malleavel, tem creado desde a sua estreia no palco até hoje os mais diversos papeis, subindo sempre na admiração de quantos a viram e ouviram.

Tendo tomado parte nas melhores companhias, Lucinda Simões recebeu sempre, aqui e no Brazil, as melhores e mais significativas demonstrações de apreço pelos seus grandes recursos.

Rafael Bordalo Pinheiro, no *Album das Glorias*, consagrou-lhe uma das melhores paginas; Coelho Neto, o admiravel escritor brazileiro, para ela e para a sua companhia, compoz expressamente algumas comedias.

Directora de scena, ainda pouco tempo no Ginasio, Lucinda Simões affirmou a sua competencia como marcadora e ensaiadora.

Representa-se ámanhã em sua homenagem a peça de Vasco de Mendonça Alves—*A Conspiradora*,—uma que tem uma das suas mais bellas e sugestivas creações.

A sua festa, ámanhã, no antigo teatro D. Amelia, vae trazer-lhe, com as palmas estrondosas que vae ouvir, as mais gratas recordações de cincoenta annos de vida gloriosa pelos nossos palcos e pelos palcos brazileiros.